

Tentativa de fixar uma tipologia sintática para as sentenças correlatas

(An attempt to establish a syntactic typology of correlative clauses)

Marcelo Módolo¹

¹Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP)

modolo@usp.br, marcelomodolo@hotmail.com

Abstract: In this paper, we propose a new syntactic typology of Portuguese correlative clauses i) additive (not only ... but also), ii) alternative (neither ... nor, either ... or, whether ... or, be it ... or, etc.), iii) consecutive (so much ... that) and iv) comparative (more/less/ before ... than, as much ... as, the more ... the more, the less ... the less, the more ... the less, the less ... the more.), which must be treated as a distinct process of clause combining, poorly supported by previous studies that deal with this subject.

Keywords: Correlation; Clause Combining; Typology; Syntax; Brazilian Portuguese.

Resumo: Nesse artigo, propomos uma nova tipologia sintática para as sentenças correlatas do português: i) aditiva (não só ... como também, etc.), ii) alternativa (nem ... nem, ou ... ou, quer ... quer, seja ... seja, ora ... ora, etc.), iii) consecutiva (tão ... como, tão ... quanto, etc.) e iv) comparativa (mais/ menos/ antes ... do que, tanto ... quanto, quanto mais ... mais, quanto menos ... menos, quanto mais ... menos, quanto menos ... mais, etc.); as quais devem ser tratadas como um processo distinto de combinação de orações, ainda pouco amparado pela literatura que versa sobre o assunto.

Palavras-chave: Correlação; Combinação de Orações; Tipologia; Sintaxe; Português Brasileiro.

Introdução

Neste artigo, propomos uma nova tipologia sintática para as sentenças correlatas do português: i) aditiva, ii) alternativa, iii) consecutiva e iv) comparativa, as quais devem ser tratadas como um processo distinto de combinação de orações, não mais distribuídas tradicionalmente entre as coordenadas e subordinadas, nem como equivalentes a uma hipotaticização adverbial, como sugere Castilho (2010, p. 390).

Assim, analisando trabalhos tidos como clássicos sobre combinações de orações e mediante leitura de outras descrições já apresentados sobre o assunto, postulamos uma classificação que consideramos mais refinada e apropriada sobre o tema.

Este texto divide-se em algumas etapas: 1) *A correlação conjuncional no Português*, em que detalhamos esse fenômeno sintático; em 2) *Revisão da literatura sobre o tema*, destacamos alguns trabalhos significativos que ensejaram alguma tipologia sobre o assunto, e finalmente em 3) *Concluindo e estabelecendo uma tipologia sintática sobre as correlatas*, colocamos nossa proposta sobre o assunto dentro de um *continuum* de propriedades.

A correlação conjuncional no Português

Os estudos sintáticos registram dois tipos de ligação: a coordenação e a subordinação, operadas geralmente por conjunções. A coordenação e a subordinação ligam em geral (i) constituintes de um sintagma, (ii) um sintagma a outro, e (iii) uma sentença a outra.

Trataremos, neste artigo, de um terceiro tipo de ligação sintática, o da correlação.¹

Sejam os seguintes os exemplos de correlação:

— Correlação aditiva

- (1) Ao obrigar a rede de 2º grau a preparar seus alunos para essas provas, a UNICAMP deu uma contribuição decisiva não só para a renovação pedagógica nos bons colégios públicos e privados mas, também, para a própria transformação dos livros didáticos [...]. (JT 27/05/93);

— Correlação alternativa

- (2) Agora tudo indica que Fernando Henrique terá condições de obter o apoio político necessário, seja porque existe uma predisposição da sociedade nesse sentido, seja porque pouca gente tem melhores condições de negociá-lo do que o novo ministro da Fazenda. (FSP 30/05/93);

— Correlação consecutiva

- (3) Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam tanto para a coletiva que a mistura de perfumes deixou a galera mareada. (FSP 15/05/93);

— Correlação comparativa

- (4) Hoje eu tenho mais medo de economista do que de general. (FSP 30/05/93).

Podemos observar o seguinte:

Em (1), temos uma correlação aditiva, pois há soma de dois complementos nominais de contribuição: “contribuição decisiva para a renovação pedagógica nos colégios públicos e privados” e “(contribuição) para a própria transformação dos livros didáticos [...]”. Essa correlação é dada pelas expressões *não só* e *mas também*.

Já em (2), a correlação alternativa é sugerida pelas conjunções *seja ... seja*, em que observo duas orações de estruturas iguais, paralelas, que preservam sua integridade semântica, mas que não são sintaticamente autônomas, interligando-se pelas conjunções.

Analisando (3), vemos que a primeira oração encerra o advérbio intensificador *tanto*, que exige, obrigatoriamente, na segunda, a conjunção *que*, o que se comprova pela agramaticalidade de (3a), em que omitimos *tanto*:²

¹ Autores como Van Valin e Lapolla (2002, p. 454) preferem rotular essas construções de “cos-subordinadas”. O rótulo de “cossobordinadas” também é empregado por Kees Hengeveld (comunicação pessoal). Entretanto, seguimos a descrição linguística brasileira e também a mais tradicional, mormente Oiticica (1952), que as classifica como “correlatas”.

² Do mesmo modo, a omissão de *que* tornaria a sentença agramatical:

(3b) * “Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam *tanto* para a coletiva a mistura de perfumes deixou a galera mareada.”

- (3a)* *Dona ministra e sua coleção de escudeiras capricharam para a coletiva que a mistura de perfumes deixou a galera mareada.*³

Vemos que *tanto* e *que*, conseqüentemente, estabelecem um encadeamento indissolúvel, de que deriva em (3) a noção de conseqüência.

Poderíamos pensar em outra interpretação para o par “tanto ... que”, talvez até a estendendo para outras correlatas, tendo como base a sentença:

- (3.1) Ele comeu tanto que estourou.

Segundo comunicação pessoal feita pelo Prof. Dr. Mário Alberto Perini, em *Ele comeu tanto que estourou*, temos o elemento *tanto*, que é objeto direto de *comeu*, e que faz parte da expressão *tanto que*, que está justamente ligando as duas sentenças. Ou seja, embora (*que*) *estourou* não seja termo da sentença matriz, ainda assim não está somente colocado ao lado dela, como as coordenadas.

Na verdade, o quantificador *tanto* estaria predicando um SN elidido, que serviria de objeto direto a *comeu*. Assim teríamos algo como:

- (3.1a) Ele comeu tanto (macarrão) que estourou.

Finalizando os comentários aos exemplos, vemos que a sentença (4), em que o intensificador *mais* funciona como o primeiro termo da comparação, exige seu correlato *do que*, figurando este numa oração cujo sintagma verbal é normalmente omitido. A omissão do SV na segunda sentença é fato comumente aceito na análise sintática do Português.

Outra possibilidade de análise é considerar que o segundo termo da comparação estabelece uma relação de adjunção com a oração.

Já Abreu (1997, p. 34) afirma que as elisões do SV na segunda sentença são para evitar redundância discursiva, ou seja, os falantes preferem deixar elípticos elementos do predicado dessas sentenças. Ora, esse tipo de eclipse também é encontrado em sentenças coordenadas como:

- (5) Fernando saiu de casa às dez horas e eu, às onze;
(6) Marta comprou dois vestidos e Carla, três;
(7) Mário está apaixonado pela Valéria e Telmo também.

O que ocorre com essas sentenças é que o falante manifesta nelas também uma intenção comparativa. A frase (7) poderia, por exemplo, ser dita como: Mário e Telmo estão apaixonados pela Valéria.

A diferença é que a primeira versão reflete a atitude do falante em comparar a paixão de duas pessoas, o que não acontece nesta última. Em (5) e (6) também se comparam, pragmaticamente, horários de saída e compras de vestido. Vemos, por aí, que um fator pragmático (a intenção comparativa) acrescenta a uma oração coordenada uma característica de subordinação: a possibilidade de redução, neste caso, por eclipse.

³ Como bem salientou a Profª. Dra. Lygia Correa Dias de Moraes (comunicação pessoal), provavelmente essa sentença seria gramatical na fala, por conta de uma prosódia distinta que seria possível imprimir a esse enunciado.

Assim, as orações (1), (2), (3) e (4) mostram um tipo de conexão feito com dois elementos, diferente da conexão por coordenação, pois não há independência sintática entre as sentenças, e diferente da subordinação, pois não há dependência de uma à outra.

Desse modo, as frases correlativas exemplificam uma relação de interdependência, isto é, a estrutura frásica das duas sentenças que se correlacionam está estreitamente vinculada por expressões conectivas. No caso, as conjunções: *não só ... mas também, seja ... seja, tanto ... que e mais ... do que*.

A interdependência tem sido destacada na literatura como o traço característico da correlação, como salientou Blanche-Benveniste (1997, p. 100):

Dans une corrélation, deux parties sont mutuellement dépendantes: Tantôt il pleure, tantôt il rit. Dire l'une sans l'autre fait l'effect d'un énoncé interrompu, Tantôt il rit [...], éventuellement utilisé comme tel.

Melo (1954, p. 121) tinha ido nessa mesma direção, quando esse autor descreve a correlação comparativa:

Correlação é um processo mais complexo em que há, de certo modo, interdependência. Dá-se, neste processo, a intensificação de um dos membros da frase, intensificação que pede um termo.

Nesse sentido, a correlação conjuncional pode ser caracterizada de modo geral como um tipo de conexão sintática de uso relativamente frequente, particularmente útil para emprestar vigor a um raciocínio, estabelecendo uma coesão forte entre sentenças ou sintagmas, e aparecendo principalmente nos textos apologéticos e enfáticos. A correlação exerce aí um papel importante, pois concorre para que se destaquem as opiniões expressas, a defesa de posições, a busca de apoio, muito mais do que por informarem com objetividade os acontecimentos.

Esse texto não apontará para processos correlativos mais amplos, como o da reduplicação sintática, por exemplo: (8) reduplicação sintática de clíticos pessoais “me ... a mim” e (9) construções de tópico constituídas de SN e retomadas por pronome pessoal, tipo SN(i) [ele(i)+ v+ objeto]. Exemplos:

- (8) Leixade-me a mi ante aparelhar o coração de vossa madre pera todas estas cousas.
(MORAES de CASTILHO, 2001, p. 74)
- (9) O menino, ele comprou uma bicicleta nova.

Esses processos já foram, em parte, discutidos por Moraes de Castilho (2001). Igualmente, Muller (1996) discutiu em exaustão o processo de reduplicação sintática nas orações subordinadas.

Muller (1996) e Camara Jr. (1975) identificaram os processos correlativos à reduplicação sintática. Vemos aqui pelo menos dois problemas:

- 1) No caso da reduplicação pronominal como em (8), o segundo elemento pode ser descartado sem prejuízo para a gramaticalidade. Assim tanto se pode dizer “entregaram-me a mim os livros” como “entregaram-me os livros”. O descarte

do segundo elemento pode se explicar por sua postulação como uma predicação secundária em adjunção à predicação principal, segundo Moraes de Castilho (2005). Como um adjunto, ele pode deslocar-se no enunciado (como em “a mim, entregaram-me os livros”), tanto quanto se elidir (como em “entregaram-me os livros”).

- 2) Já no caso das correlatas, o segundo elemento não pode ser descartado, como demonstrado anteriormente.

Isso mostraria que as correlatas representam um redobramento mais gramaticalizado. Enquanto isso, na correlação, não podemos descartar nenhum dos dois elementos conjuntivos, pois eles verbalizam dois atos de fala com relacionamento recíproco.

Passaremos, agora, à literatura já publicada sobre as correlatas e a proposta de tipologização sintática.

Revisão da literatura sobre o tema

Apesar de ser uma estrutura sintática muito produtiva na língua portuguesa (também na Romênia, de forma geral), é curioso notar que o processo de correlação conjuncional nunca foi estudado detalhadamente pelos gramáticos e linguistas brasileiros e/ou portugueses. Igualmente, na bibliografia da linguística funcional, vide Groot e Olbertz (1996), não encontramos estudos publicados sobre esse tema.

Para demonstrar o que já se refletiu sobre esse assunto, resenhamos, mais abaixo, gramáticos/filólogos brasileiros que trataram da correlação conjuncional como um fenômeno distinto do binarismo coordenação e subordinação. Em seguida, resenhamos a posição de linguistas que escreveram sobre esse tema.

Os gramáticos/filólogos que trataram da correlação conjuncional

Nesse subitem arrolamos a opinião de três gramáticos/filólogos que descrevem o fenômeno da correlação, interpretando-o como processo distinto do binarismo coordenação e subordinação.

Maciel (1914)

Maciel (1914, p. 343-345) define a correlação conjuncional como *correspondência sintática de duas palavras na proposição, entre si dependentes*. O gramático afirma ainda que a correlação se faz basicamente de duas maneiras:

- a) similarmente, isto é, repetindo a mesma palavra:

- (10) Tal ... tal Ex.: Tais somos nós, tais serei vós. Fr. D. Vieira, Dic. da L. Portuguesa.
- (11) Qual = um ... qual = outro Ex.: Qual do cavalo voa que não desce, / Qual, o co'o cavalo dando em terra, geme. Camões, Os Lusíadas.
- (12) Quem = um ... quem = outro Ex.: Quem se afoga nas ondas encurvadas; / Quem bebe o mar e o deita juntamente. Camões, Os Lusíadas.
- (13) Tanto ... tanto Ex.: Tanto tens, tanto gastas.

- (14) Assim ... assim Ex.: Assim disse, assim o fez.
- (15) Quanto ... quanto Ex.: Quantas cabeças, quantas sentenças.
- b) dissimilarmente, isto é, mediante palavras diferentes:
- (16) Tão ... que: Ex.: Tão bela que encanta.
- (17) Tão ... como: Ex.: Tão bela como tu.
- (18) Tão ... qual: Ex.: Tão bela qual rosa.
- (19) Tal ... que: Ex.: É tal o seu valor que ...
- (20) Tal ... qual: Ex.: Tal mulher, qual marido.
- (21) Tanto ... que: Ex.: Tanto estudas que saberás.
- (22) Tanto ... como: Ex.: Tanto trabalhas como ganhas.
- (23) Tanto ... quanto: Ex.: Tanto tens quanto ele.

Maciel (1914) é o único dos autores consultados, em língua portuguesa, que se preocupou em fazer uma classificação formal desse fenômeno linguístico, rotulando-o em construções similares (correlativas espelhadas) e dissimilares (correlativas não espelhadas).

É também interessante notar que o gramático elabora um subcapítulo — “A correlação das palavras” — para esses nexos correlativos, mostrando, implicitamente, a sua importância como nexos diferentes dos demais. Porém, ao apresentar a subdivisão das sentenças adverbiais, para nossa estranheza, coloca as correlativas ou consecutivas como um dos subtipos:⁴

Por exclusão, restam-nos as correlativas comparativas de igualdade e as aditivas, ambas exemplificadas acima pelo autor e não classificadas por ele nem nas coordenativas nem nas subordinativas. Seriam essas, sob a ótica de Maciel, as legítimas correlações.

Oiticica (1952)

Esse é o único estudo a se destacar, sobre a correlação conjuncional, escrito em português. Nesse livro, Oiticica nos mostra que ao analisarmos as correlações conjuncionais, estamos diante de um fenômeno sintático diferente, que não é passível de ser reduzido a um tipo de coordenação ou de subordinação. Segundo ainda Oiticica, as estruturas correlativas são um processo sintático irreduzível, no qual sintaxe e léxico estão estreitamente ligados.

Oiticica pode ser considerado como um funcionalista *avant la lettre*, pois observa muito bem que a estrutura correlata é resultado de um processo de ênfase que não deve ser deixado de fora no decurso da análise. Desta forma, semântica e sintaxe aparecem “discursivamente” ligadas, a primeira dita o arranjo, a estrutura, da segunda.

⁴ Maciel (1920) também analisa as O.S.A. Consecutivas como um dos subtipos das Subordinadas Adverbiais: A proposição circunstancial (...) i) consequência (ou consecutiva), sempre que estiverem ligadas pela conjunção *que*, tendo como termo correlativo uma das palavras — *tal, tão, tanto, tamanho*, expressa na proposição anterior, ex.: “*Tão* temerosa vinha e carregada/ Que pôs nos corações um grande medo” Camões, “Sentiu *tamãha* fraqueza *que* caiu ao chão.” (Francisco de Moraes, apud MACIEL, 1920, p. 161)

Basicamente, Oiticica (1952) trabalha com três tipos de correlações: aditivas; comparativas e consecutivas. O gramático faz ainda subdivisões nesses três tipos básicos, a saber:

Correlação aditiva

(24) Não somente Amélia, mas também Lúcia gostam muito de literatura. p. 22

(25) Ele empregou bem não só o irmão, como ainda as cunhadas. p.23

Correlação comparativa

a) Correlação comparativa de igualdade

(26) Tais foram as promessas, tais são hoje suas realizações. p. 24

b) Correlação comparativa de igualdade referida à qualidade

(27) Tão bela foi a mãe, quanto o é a filha. p. 31

c) Correlação comparativa de igualdade referida à intensidade

(28) Tão bela foi a mãe, tão feia é a filha.⁵ p. 31

d) Correlação comparativa de igualdade “o modelo e o modelado”

(29) Tal fora o pai, tal é o filho. p.25

e) Correlação comparativa de igualdade modal

(30) Do mesmo modo por que ditava o mestre, desse mesmo modo escrevia o discípulo. p. 33

f) Correlação comparativa quantitativa progressiva (ou correlação quantitativa intensificada)

(31) Tanto mais se ouviam os tiros, tanto mais se alvoroçava o povo. p. 29

(32) Tanto maior se afigurava o conflito, tanto maior ia sendo a azáfama para debelá-lo. p. 29

g) Correlação comparativa quantitativa antitética

(33) Tanto mais lavrava o incêndio, tanto menos cresciam os recursos para dominá-lo. p. 30

Correlação comparativa de superioridade (ou correlação preferencial)

(34) César escreve mais depressa do que Hélio lê. p. 35

(35) Alberto é mais vivo que Donato. p. 35

⁵ A comparação se faz aqui, primeiro, entre qualidades diferentes; segundo, entre a intensidade dessas qualidades.

h) Correlação comparativa de inferioridade

- (36) Não é menos rico (do) que o vizinho.⁶

Correlação consecutiva

- (37) Tanto o animei, que ele publicou o trabalho. p. 40

Vaz Leão (1961)

Segundo Vaz Leão (1961, p. 101-102), a correlação hipotética, que existe logicamente, costuma resolver-se na língua por uma estrutura de subordinação. Entretanto, o falante sente, às vezes, necessidade de pôr em maior evidência a relação entre os dois fatos por uma estrutura que lembre de perto a correlação lógica, isto é, com presença de dois termos correlativos. O Português recorre a “se...então”, giro idiomático que, conforme a autora, “nem sempre se presta à análise sintática ou não se explica pelos processos tradicionais de analisar”. Ex.:

- (38) ‘Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca [...]’. — M. Lobato, p. 19
- (39) ‘[...] se o senhor doutor algum dia chegar a casar com Iaiá, então sim, é que há de ver o anjo que ela é’. — M. Assis, p. 251

De acordo com Vaz Leão (1961, p. 101-102), a gênese desse processo na língua literária talvez possa explicar-se: “a) porque o escritor veja nos recursos orais a fonte mesma da expressividade; b) porque, sentindo muito longe o *se*, o autor tenha necessidade de reavivar no espírito do leitor a relação que supõe esquecida; c) porque o orador, querendo manter a atenção do auditório, use instrumentos que sublinhem a intenção de suas frases e deem tempo ao ouvinte de acompanhar-lhe o pensamento”.

Os linguistas que trataram da correlação conjuncional

Ao adaptar a proposta de Braga (2001, p. 28), que, por sua vez, baseou-se em Foley e Van Valin Jr. (1984), podemos assim distinguir correlação ou cossubordinação em oposição à coordenação e à subordinação:

- a) Correlação (ou cossubordinação): [-encaixamento] [+dependência]. Os dois conectores não estão em uma relação de encaixamento, embora se encontrem em uma relação de dependência no que diz respeito à força ilocucionária e tempo absoluto;
- b) Coordenação: [-encaixamento] [-dependência]. Os dois conectores são independentes, a relação entre eles é todo-todo. Daí o fato de cada um poder ter sua própria força ilocucionária e ser especificado, independentemente, quanto a outros operadores como evidenciais, tempo, etc.;
- c) Subordinação: [+encaixamento] [+dependência]. Um dos conectores está encaixado no outro e a relação entre eles é parte-todo. O junto subordinado codifica informação de “fundo” e não pode ser especificado, independentemente, quanto à força ilocucionária.

⁶ Oitica não fornece exemplos da correlação comparativa de inferioridade, justificando-se com o seguinte parágrafo: “23. Tudo quanto foi dito sobre a comparativa de superioridade se aplica à comparativa de inferioridade, substituindo o denotativo intensivo *mais* pelo seu antônimo *menos* e *maior* por *menor*.” (1952, p. 38).

Assim, poderíamos dizer que a correlação é uma categoria intermediária, que se dispõe no intervalo de duas categorias tidas como prototípicas, ou seja, a coordenação e a subordinação. A correlação possui traços tanto da coordenação, como da subordinação.

Sem fazer referências explícitas às correlatas, os estudos de Hopper e Traugott (1993), que consideram o processo sintático de combinação de cláusulas de acordo com a perspectiva da gramaticalização, propõem uma redefinição da relação intersentencial por meio do *continuum*: parataxe > hipotaxe > subordinação. As categorias presentes nesse *continuum* seriam descritas tendo em vista os parâmetros dependência e encaixamento. A parataxe se caracterizaria por uma independência relativa, consequentemente, seu vínculo semântico seria inferido pela relevância e pelo sentido que emerge da conjunção das duas, ou mais, cláusulas; não havendo encaixamento de uma cláusula dentro de outra. Esse grupo é formado por orações coordenadas e justapostas, e, segundo os autores, a relação semântica entre elas se dá somente por inferência. Na hipotaxe, haveria uma interdependência entre as cláusulas, que são definidas como núcleo e margem; integrando esse grupo estariam as orações adverbiais e as relativas apositivas. Por fim, na subordinação observar-se-ia uma total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada. Supomos que as correlatas, nesse modelo, ficariam classificadas entre a parataxe e a hipotaxe.

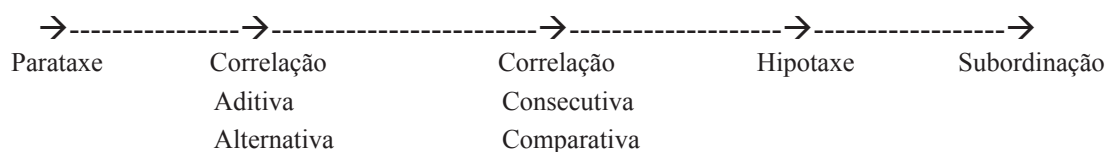
Somando-se a esses dois quadros teóricos, recuperamos o trabalho clássico de Lehmann (1988) sobre combinação de orações. Nesse texto, o autor estabelece um outro *continuum*, que parte de um polo de máxima elaboração a outro de máxima compressão (ou condensação) de informação lexical ou gramatical. Nesse *continuum*, coordenação e subordinação ocupariam as extremidades opostas. Lehmann prevê que, entre os dois extremos do *continuum*, possam ocorrer tipos intermediários, como orações correlatas, cláusulas nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, cláusulas adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal, etc.

Concluindo e estabelecendo uma tipologia linguística sobre as correlatas

Ao fazermos descrição linguística, procuramos identificar as categorias de estruturação das línguas naturais, isto é, seus processos e produtos. O processo de gramaticalização das relações intersenciais dispõe a parataxe e a subordinação nos extremos de um *continuum*, mediado pelas correlatas e pelas hipotáticas.

Assim, entendemos que os processos de combinação das sentenças não são binários nem unilineares; podendo ser ordenados em blocos que entretêm mais de um ponto de intersecção.

Imaginando um *continuum* na hierarquia de integração de sentenças, o que negaria uma fronteira rígida entre parataxe e subordinação, teríamos um quadro representativo para os quatro tipos de correlatas:



A maioria das hipotáticas adverbiais representam uma adjunção à sentença matriz, não possuindo na oração principal – necessariamente – alguma conjunção ou elemento conjuntivo

a(o) qual possa correlacionar-se. Para tanto, basta rememorarmos alguns exemplos: *Não veio [porque está adoentado].* (Causal); *Trabalha [como um escravo].* (Comparativa);⁷ *Não percebeu nada, [embora estivesse atento].* (Concessiva); *Muita gente morreria, [se saudades matassem.]* (Condicional); *Deverá estar aqui amanhã, [conforme ele prometeu.]* (Conformativa); *Tudo fiz [para que ele aprendesse.]* (Final); *Nada [qual um peixe (nada).]* (Modal); *[À proporção que avança,] enxerga melhor.* (Proporcional) e *[Quando saías, entrava ele.]* (Temporal). Assim, não podemos fazer uma equivalência entre hipotáticas e correlatas, haja vista as correlações dependerem de dois elementos conjuntivos para se formarem, serem interdependentes, devendo as correlações consecutivas e comparativas figurar no meio desse contínuo. Já as correlações aditivas e alternativas poderiam figurar mais à esquerda, junto à parataxe, dada a maior frouxidão com que ainda estabelecem suas conexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. S. Coordenação e subordinação - uma proposta de descrição gramatical. *Alfa*, São Paulo, n. 41, p. 13-37, 1997.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys, 1997. 164p. (Collection L'Essentiel Français)
- BRAGA, M. L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, PUC Minas, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2. sem. 2001.
- CAMARA Jr., J. M. Nomenclatura gramatical - 2ª aula. In: *Dispersos* de J. Mattoso Camara Jr. Rio de Janeiro: FGV, 1975. p. 62-69.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. 768 p.
- FOLEY, W. A.; VAN VALIN Jr. R. D. *Functional syntax and universal grammar*. Nova York: Cambridge University Press, 1984.
- GROOT, C. de; OLBERTZ, H. *Functional grammar publications 1978-1996*. Institute for Functional Research into Language and Language Use (IFOTT). Amsterdam: University of Amsterdam, 1996. (Mimeo)
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.
- MACIEL, M. *Gramática descritiva*. 5. ed. aum. e refundida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.
- _____. *Lições elementares de língua portuguesa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1920.
- MELO, G. C. de. *Novo manual de análise sintática*. Rio de Janeiro: Simões, 1954. 190p.

⁷ Consideramos como hipotáticas comparativas somente as orações que empregam um único nexos conjuncional para estabelecer a noção de comparação.

MORAES DE CASTILHO, C. M. Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses do século XV. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.) *Para a história do português brasileiro*. v. II. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 59-91.

_____. *Redobramento sintático no português medieval*. 2005. Tese. (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MULLER, C. *La subordination en français*. Le schème corrélatif. Paris: Armand Colin, 1996.

OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Simões, 1952. 60p. (Col. "Rex")

VAN VALIN Jr, R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. 713p.

VAZ LEÃO, Â. *O período hipotético iniciado por se*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1961.